

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

## A IMPORTÂNCIA DOS CAMINHOS LÍBIOS NA ÉPOCA PRÉ-DINÁSTICA (\*).

LUIZ CÉSAR BITTENCOURT SILVA.  
da Universidade Federal Fluminense.

Pelo que sabemos, principalmente através do estudo e interpretação de peças arqueológicas do Egito pré-dinástico, os líbios tiveram uma grande importância nesta época da história do Vale do Rio Nilo (1).

E' sobretudo no Norte que sua influência se faz mais sentir (2). Não seria um exagero até, afirmar-se que *líbios e egípcios do Delta*, estavam de tal modo ligados em seus interesses que formavam quase a mesma comunidade (3).

Vivendo em região sem grandes recursos, aproveitando apenas o que uma cadeia de oásis lhes poderia fornecer, desde cedo aprenderam as vias de acesso ao *Vale do Nilo*, que passam a ser usadas desde a mais alta Antiguidade.

Deve-se notar, entretanto, que apesar de sua presença constante em terras do Norte, o papel preponderante que exerceram na defesa do Delta contra os invasores do Sul, os *líbios* sempre foram catalogados no rol dos povos estrangeiros.

(\*) . — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 2 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

(1) . — VANDIER (J.) em seu excelente trabalho, *Manuel d'Archéologie Égyptienne*. tomo 1, volume 1, aponta várias peças arqueológicas em que o elemento líbio aparece.

Entre outras podemos citar: *A Paleta do Tributo Líbio*. *A Paleta dos Abutres*, *O Fragmento dito de New York*.

(2) . — MORET mostra que nos líbios, os mais importantes são os que habitam no Norte, denominados nos textos de *Tchenu*. Localiza-se este grupo mais especificamente na *Marmária*.

MORET (A.), *Histoire de L'Orient* in "Histoire General", P. U. F. Paris.

(3) . — As interligações entre os líbios e habitantes do Norte são atestadas por inúmeros dados:

— O 3º Nomo do Ocidente adora um *Horus Tchenu*, isto é, líbio.

— A deusa Neit nos 4º e 5º Nomos tem como sinal, flechas cruzadas e é chamada de *Tchenu*, isto é, "a líbia".

— O sinal *Iment*, que designa todo o lado ocidental, tem uma pluma de avestruz que não é senão um enfeite líbio para a cabeça.

MORET, *Le Nil et la civilisation Égyptienne*. in "L'évolution de l'Humanité". Paris.

Em todos os textos da época pré-dinástica, a expressão que designa este povo — (hieróglifo bumerangue), vem sempre acompanhada de determinativo (hieróglifo oval) que indica o estrangeiro (4).

Na época faraônica não são poucas as representações que mostram elementos líbios entre os vencidos pelos faraós do período histórico (5). Vemos também que os soberanos do *Sul*, não viam com bons olhos as constantes penetrações líbias no Delta e, as campanhas que fizeram, foram mais contra eles do que propriamente contra os seus irmãos do Norte (6).

Os caminhos de acesso ao Vale do Nilo, portanto, eram não só conhecidos, mas de grande importância econômica e estratégica para os habitantes do Delta (7). Era na agricultura, mas sobretudo na pastorícia que iam buscar os produtos que trocavam com seus vizinhos nilóticos, mais evoluídos e conhecedores de uma tecnologia que possibilitava a manufatura de determinados artefatos de que tanto precisavam. A existência, pois, de constantes trocas entre egípcios e líbios através das rotas ocidentais, determinará no nosso entendimen-

---

(4). — LEFEVRE, mostra que o sinal hieroglífico (bumerangue) que identifica como um tipo bumerangue ou massa usada por povos vizinhos do Egito é um determinativo de estrangeiro, significando também habitante da Líbia (*Grammaire de L'Egyptien Classique*).

LAMBERT, coloca o citado hieróglifo na construção das expressões não só de Líbia e líbios, assim como na de *Paises do Oriente (Lexique Hieroglyphique)*.

W. BUGE no seu *Egyptian Dictionary* coloca (bumerangue) como designativo de líbio ou Líbia.

O mesmo egiptólogo dá (oval), como determinativo de horizonte ou ilha e (buremangue) como o de estrangeiro (*op. cit.*).

Tratava-se evidentemente de um problema semântico.

VANDIER, *op. cit.*, informa que o sinal (oval) na época pré-dinástica determina estrangeiro e (buremangue) somente Líbia.

Assim (buremangue-oval) quer dizer estrangeiro na Líbia. Posteriormente o sinal (oval) deixou de ter a sua significação original e (buremangue) passou a determinar estrangeiro e Líbia.

(5). — MORET (A.), *Histoire de L'Orient*.

(6). — Os líbios estavam no período pré-dinástico enquadrados no que DARCY RIBEIRO chamou de *Hordas Pastoris Nômades*.

No Vale do Nilo, seguindo a mesma classificação, as populações deltáicas já se encontravam em plena revolução urbana, passo principal para implantação do *Sistema de Regadio* colocado, contra nossa opinião, como conseguido só após os hycsos.

Achamos que a *Revolução do Regadio* foi no Vale do rio Nilo contemporânea à primeira unificação.

RIBEIRO (DARCY), *O Processo Civilizatório, Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro.

“Cultiver les champs, irreguer les rives, curer les canaux en les désensablant c'est travailler non pour tel district isolé, mais pour l'ensemble de l'Egypte”.

(7). — A idéia de caminhos aparece num dos atributos de *Oupouat* que presidia a confederação dos nomos do Ocidente. “Aquêle que abre os caminhos era um dos modos pelo qual era conhecido”.

to a inclusão dêstes, na problemática da implantação da revolução do regadio no Vale do Rio Nilo.

Como fator fundamental para o domínio do Norte pelos *Servidores de Horus*, encontramos a necessidade do domínio dos *Caminhos Ocidentais* ou *Caminhos Líbios*.

Sem uma decisiva vitória em que *líbios* e *deltáicos* fôssem submetidos à autoridade dos soberanos de *Hierakompolis*, não se poderia pensar em manter unido o país (8).

Devemos assinalar, e isto é importante, que os líbios, mais agueridos do que os nilóticos, estabeleceram certamente o seu domínio sôbre o Baixo Egito, ou mais precisamente, sôbre os nomos do Ocidente.

O problema pode ser melhor esclarecido com o que nos informa a denominada *Paleta dos Abutres* (Fig. 1). Ela indica uma vitória dos líbios sôbre os habitantes da *Terra do Papiro*, isto é, o Norte (9).

Não seria por demais ousado afirmar-se que a presença líbia no Baixo Egito foi determinante para uma posterior invasão do Sul, em que foram encontrados no campo adversário, ombro a ombro, *nortistas* e *líbios*. A presença dêstes nos documentos que atestam as campanhas de *Escorpião* e *Narmer* firma o nosso convencimento conforme demonstraremos adiante.

---

(8). — O Reino do Sul (Alto-Egito) conseguiu uma estrutura superior militarmente falando, do que o do Norte. Por esta razão os seus soberanos fazem em seu proveito a primeira unificação.

(9). — A *Paleta dos Abutres* é uma peça incompleta e fragmentada. A parte maior se encontra no *British Museum* e a menor no *Ashmolean Museum* de Oxford.

A parte que nos interessa, o retro, mostra primordialmente uma cena de uma terrível e mortífera batalha e suas conseqüências. A representação é, como em tôdas as outras, simbólica.

Vê-se um leão (símbolo do poder real) devorando um homem. Por todos os lados cadáveres, prestes a serem devorados por abutres e outras aves carniceiras. O significado desta cena não tem outra explicação, senão a de mostrar uma vitória militar.

Mas há mais detalhes que, embora secundários para o artista, não o são para nós.

Completando a cena acima descrita, à direita do leão aparecem dois personagens em marcha. O primeiro, pela sua postura, é evidentemente um prisioneiro e o segundo, sem dúvida, o seu captor, que é da *Líbia* e, segundo VANDIER (*op. cit.*) alicerçado na opinião de SETHE, trata-se de um habitante dêste país, pelo traje que usa.

Infelizmente a paleta está em parte destruída, o que dificulta a leitura do hieróglifo que certamente indica a origem do citado prisioneiro.

Acontece que é perfeitamente visível o oval encimado por hastes de papiro. Esta representação, que é o determinativo do Norte, aparece também na *Paleta de Narmer* e na *Cabeça de Massa do Rei Escorpião*. (BUDGE, *op. cit.*; LAMBERT, *op. cit.*).

Ainda na mesma peça dois outros prisioneiros em fila, com as respectivas indicações de origem, VANDIER (*op. cit.*) identifica em uma delas o falcão do 3º *Nomo do Delta*, cuja localização está muito próxima da fronteira líbia.



Fig. 1. — O rei-leão devora seus inimigos (Apud Moret, *Le Nil ...*, pág. 133).

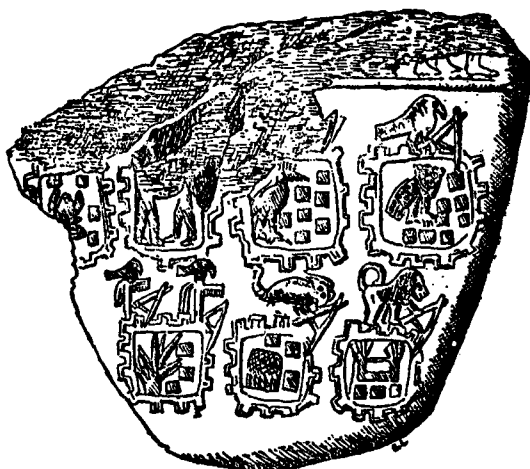


Fig. 2. — O rei destrói fortalezas (Apud Moret, *Le Nil...*, pág. 134).

Não sabemos por quanto tempo perdurou a dominação dos líbios no Baixo Egito e nem a extensão de sua conquista. E' certo, porém, que pelo estudo daquela paleta, não temos a menor dúvida do estabelecimento líbio no Delta, dificultando a unificação já desejada pelo *Alto Egito* e como uma determinação da revolução do regadio, que começava a implantar-se em todo o Vale.

A unificação partida do Sul numa ação militar contra nortistas e seus aliados líbios, pela documentação existente é muito mais precisa. Ela é obra, não se tem dúvidas, dos *Servidores de Horus do Sul*, que em sucessivas campanhas impuseram a sua soberania sôbre os seus irmãos do Norte e seus aliados os *líbios*.

E, novamente, os caminhos do Ocidente, elo que ligava a *Líbia* ao *Delta*, e que foram percorridos pelos rebanhos oriundos das regiões ocidentais, recebiam a visita dos aguerridos guerreiros de *Escorpião* e mais tarde possivelmente de *Narmer*.

E' pelo estudo da paleta do *Tributo Líbio* que chegamos a êste tranqüilo entendimento (Fig. 2) (10).

Por êste estudo podemos chegar as seguintes conclusões: um Servidor de Horus do Sul, *Escorpião*, representado pelo araquenídeo que destrói uma das fortalezas, que empreendeu uma vitoriosa campanha contra o *Norte*.

Todo o verso da *Paleta* a êste fato se refere. O leão e os falcões não são senão símbolos do poder real.

*Moret* (11) mostra que o falcão *Horus*, sempre representou o poder real e representações semelhantes aparecem em outras peças arqueológicas do período pré-tinita e faraônico.

*Drioton* (12) não crê que *Escorpião* tenha chegado pouco acima de *Mênfis*, o que não acontece com *Vandier* (13).

Preferimos ficar com êste último.

---

(10). — *A Paleta do Tributo Líbio* (Fig. 2), hoje se encontra no Museu do Cairo. Tem as suas duas faces decoradas, mas não é, infelizmente, completa. Em uma de suas faces encontramos animais ocupados em destruir fortalezas, representadas por retângulos denteados.

Em seus interiores aparecem hieróglifos que ainda não foram traduzidos. Os animais que destroem as cidades, evidentemente fortificadas, são, entre outros, um leão, dois falcões e um escorpião.

Na outra face observamos quatro registros distintos. O mais acima representa bois, o imediatamente abaixo: asnos, após carneiros. Todos os animais tranqüilos e processionais caminham em determinada direção.

O último registro, para nós o mais importante, mostra uma série de arbustos e o designativo dêste local (bumerangue e oval). (Ver nota número 3). VANDIER (*op. cit.*).

(11). — *Le Nil et la Civilisation Égyptienne*, in "L'Évolution de l'Humanité". Paris.

(12). — *L'Égypte*. Coleção Clio. PUF.

(13). — *Op. cit.*

Citando *Schott*, conclui o eminente egiptólogo que tôdas as fortalezas não são senão uma mesma cidade: *Bouto* a capital do Norte (14). Neste caso a conquista do Norte seria completa.

Mas há mais: a interpretação da *Cabeça da Massa do Rei Escorpião* (Fig. 3) não nos deixa outra alternativa (15).

Entretanto, se nós examinarmos a outra face da paleta, não podemos ter outra conclusão de que após a vitória sôbre os nortistas, com a conquista de sua capital *Bouto*, *Escorpião*, seguiu em frente e chegou até a *Líbia*.

Estavam pois abertos os caminhos do *Ocidente*, tão importantes quer econômica quer estrategicamente.

A postura de animais, a divisão em seus registros superpostos, a paisagem líbia como sendo o início de uma grande viagem que aparecem na citada *Paleta* não deixam dúvidas da importância destes caminhos para a complementação da revolução do regadio.

Não sabemos, pelo estado atual das questões, quanto tempo perdurou êste *status*. Não sabemos mesmo os sucessos da reação líbio-nortista que expulsou os *Servidores de Horus do Sul* das regiões do Delta.

Porém, podemos afirmar que uma nova campanha foi empreendida pelo provável sucessor de *Escorpião* (16), o rei *Narmer* (17), ou pelo menos desejada por êle.

### CONCLUSÕES.

1. — Desde a mais alta antigüidade eram conhecidos caminhos ligando o *Delta* à região da *Marmárica*.
2. — Êstes caminhos, que podem ser denominados *Caminhos do Ocidente* possibilitavam as constantes trocas entre os habitantes do *Delta* e da *Líbia*.
3. — A importância dos caminhos, além de econômica era também estratégica e, só se poderá falar em unificação após o domínio destes caminhos.

(14). — *Op. cit.*

(15). — *A Cabeça decorada de massa do Rei Escorpião*, mostra uma cena simbólica da organização da conquista. O rei, identificado pelo sinal de escorpião abre um canal em terras do Norte, indicado pelos papiros. Há outras representações, que confirmam o que foi dito.

(16). — *DRIOTON (E.)*. — *op. cit.*

(17). — *A Paleta de Narmer*, que representa simbolicamente a conquista do Norte pelo Sul, ainda não foi totalmente interpretada, mas pelo que já se sabe, aquela conquista chegou até cercanias da *Líbia*, isto é, até o nome do arpaço.

Dada a presença de várias representações fantásticas e pouco claras, esta paleta pode não representar senão um *ex-voto*.

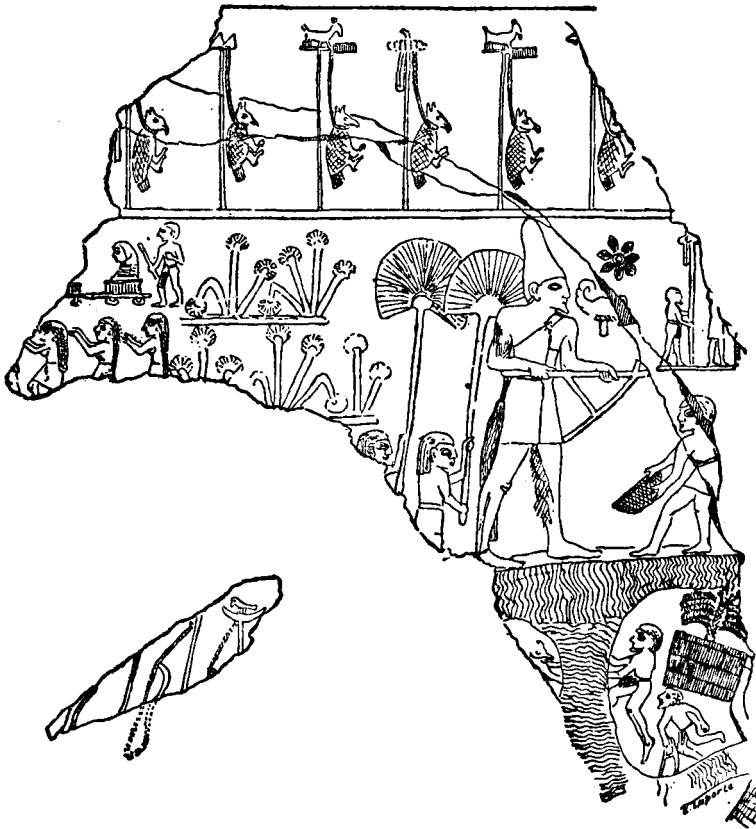


Fig. 3. — O rei Escorpião, com a corôa branca do Sul, maneja o alvião. Os vencidos estão enforcados em baixo dos emblemas dos clãs vencedores. Apud Moret (Alexandre) e Davy (G.) — *Des clans aux Empires*. La Renaissance du Livre. Paris. 1923, pág 157.

4. — A luta pela unificação iniciada por *Escorpião*, encontrou os *líbios aliados aos nortistas*.

\* \*  
\*

#### INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Eurípedes Simões de Paula* (FFCL-USP).

Pergunta ao Autor a razão da afirmação no segundo parágrafo do seu trabalho de que havia um condomínio líbio-fenício. Indaga se não foi esquecido o elemento asiático, principalmente porque no aspecto religioso essa influência foi capital?

\*

Da Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca* (Universidade Federal de Pernambuco).

Diz que inicialmente quer congratular-se com o Autor pelo aproveitamento, na exposição, dos documentos da época gravados em pedra (como outros em cerâmica) e em monumentos, isso sem prejuízo de aspectos mais profundos como a importância da revolução técnica do regadio, fator da unificação da região.

\*

Do Prof. *Miguel Schaff* (Faculdade de Filosofia de Jacarèzinho. Paraná).

Indaga qual a relação existente entre as dinastias líbias e os líbios da época pré-dinástica?

\* \*  
\*

#### RESPOSTAS DO PROFESSOR LUIZ CÉSAR BITTENCOURT SILVA.

Ao Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

Em relação às influências asiáticas, diz que elas não foram apontadas, justamente porque o trabalho se refere aos problemas líbio-fenícios.

As influências asiáticas no campo da religião foram evidentemente muito grandes, sobretudo, como apontam Vandier e Moret, em relação ao culto de Osiris.

\*

À Profa. *Célia Freire d'Aquino Fonseca*.

Afirma que nada tem a adiantar à intervenção.

\*

Ao Prof. *Miguel Schaff*.

Diz que são dois grupos inteiramente distintos. A Dinastia Líbia da “Baixa Época” está ligada às infiltrações dos “Povos do Mar” que, além de se localizarem no Delta (*Grandes Chefes do Ma*), constituíram um importante núcleo na Líbia.